

Calheiros quer frente de oposição

por Claudio Kuck
de Brasília

O deputado Renan Calheiros (PRN-AL), que deixou a liderança do governo no final de semana, acusando o presidente Fernando Collor de Mello de favorecer seu adversário e a fraude nas eleições para governador de Alagoas, onde ele deve disputar o segundo turno com Geraldo Bulhões, disse ontem estar muito preocupado com a atual crise política, "agravada pelo crescente isolamento do presidente da República". Renan criticou também as mudanças do governo na área econômica. "Pois antes defendíamos uma recessão branda e não esta terrível que está aí."

O ex-líder defendeu também a formação de uma frente única de oposição, formada por todos os brasileiros que tenham um compromisso com a via democrática. Para ele, o Brasil não pode viver novamente a crise de isolamento entre a Presidência da República e a Nação como ocorreu com Jânio Quadros em 1961. E acrescentou: "Collor com seu ar de imperador, não entronizado já rompeu com os políticos, com os trabalhadores e com os empresários, assim deixei o governo porque não acredito mais nele".

Renan Calheiros negou qualquer entendimento com o governador de São Paulo, Orestes Quêrcia, antes de decidir romper com o governo, ou que tenha conversado com qualquer outro intermediário dele, mas fez questão de afirmar: "Daqui para a frente sim irei dialogar com quem quiser falar comigo, porque é preciso fazer algo para salvaguardar a democracia". Mesmo sem acusar Collor de tramocar um golpe de Estado, o deputado repetiu várias vezes sua preocupação com a democracia brasileira.

Ele disse que era o último interlocutor do governo com o Congresso, alertando também que, se Collor tentar formar um bloco de apoio suprapartidário, "será apenas o início de um processo fisiológico e clientelista". Sempre insistindo que não quer aprofundar um processo de retaliação com o governo, Renan, entretanto, disse várias frases duras ao editor João Alexandre Lombardo: "Não aceitei ser fritado no governo"; "cheguei ao limite de minha dignidade e com ela vou disputar o governo de Alagoas"; "O Brasil não pode ser governado de mentirinha, para a mídia. Só trocando de camiseta engraçada todo domingo"; "saí porque eu era o lado bom do governo".

Sobre a versão publicada na imprensa de que rompeu com o governo por ter solicitado US\$ 4 milhões para Collor ajudar na sua campanha sem receber, ele disparou: "Não acredito que o presidente em sua consciência tenha a coragem de confirmar isso, nunca pedi nada nem cargo nenhum". Ele lembrou que em oito meses na liderança divergiu várias vezes de Collor e da equipe econômica, como na defesa que fez da indexação dos salários até quatro mínimos. "Não deixei o governo no seu final como muitos fazem para fazer sucesso com a oposição, saio no começo, o problema é que o presidente não gosta de conviver com posições políticas antagônicas."

Renan Calheiros vai deixar também a liderança do PRN e quinta-feira viaja para Maceió para reiniciar sua campanha. O PRN deve entrar com recurso jun-

to ao TSE para que não haja eleição suplementar no estado, sob a alegação de que o resultado não vai alterar o quadro atual. Com isso, o segundo turno poderia ser realizado antes de janeiro.

Calheiros ainda lançou uma última farpa ao presidente Collor: "Como governador de Alagoas ele era diferente, sem o atual dom da infalibilidade e inflexibilidade, conversava com os políticos. Hoje só

ouve amigos inexperientes em política como os empresários de Brasília Paulo Octavio e Eduardo Cardoso".

O porta-voz do Planalto, Claudio Humberto Rosa e Silva, procurado várias vezes por este jornal, não estava disponível para responder às críticas do ex-líder do governo.

"Não tenho o privilégio de conhecê-lo." Foi assim que o governador de São Paulo, Orestes Quêrcia, negou sua participação no rompimento entre o candidato ao governo de Alagoas e ex-líder do governo na Câmara Federal, Renan Calheiros (PRN), e o presidente Fernando Collor de Mello, levantada por um

assessor de Geraldo Bulhões (PSC), adversário de Calheiros no pleito alagoano.

Ele também negou que esteja interessado no ingresso de Calheiros no PMDB: "É o diretório regional que tem que decidir isso", apurou a repórter Maria Cristina Fernandes, de São Paulo.